

O Jornal do Agronegócio Brasileiro. Agricultura, Pecuária, Meio Ambiente, Indústria, Energia e Turismo

O GIGANTE DESPERTO: 10 RECORDES QUE MUDARAM O AGRO EM 2025

AVICULTURA SUPERA FOCO DE INFLUENZA E ALCANÇA MARCA HISTÓRICA

Dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) revelam que os embarques totais somaram 5,324 milhões de toneladas nos 12 meses do ano. O volume supera em 0,6% o total registrado em 2024, estabelecendo um novo recorde anual para o setor. *Página 5.*

USDA PROJETA SAFRA HISTÓRICA DE SOJA NO BRASIL

O primeiro relatório de oferta e demanda mundial de 2026, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), trouxe um cenário de abundância para as principais commodities agrícolas. A produção mundial de soja no ciclo 2025/26 foi revisada para cima em 0,7%, atingindo 425,68 milhões de toneladas. *Página 20.*

Foto: Divulgação Semadesc



Com exportações de US\$ 348 bilhões e produção de 350 milhões de toneladas, o agronegócio brasileiro supera os EUA no algodão e salva o PIB nacional.

O ano de 2025 entrou para a história como o ciclo da consolidação tecnológica do Brasil. O país quebrou 10 recordes fundamentais, destacando-se a produção de 171,5 milhões de toneladas de soja e a liderança mundial

na exportação de algodão, superando os produtores americanos pela primeira vez. A força regional foi decisiva: Goiás viu seu PIB agro crescer 16,8%, enquanto Mato Grosso enfrentou o desafio de qualificar mão de obra para operar sua frota de drones e máquinas autônomas. A China

ultrapassou a marca de US\$ 100 bilhões em compras, garantindo um superávit comercial de US\$ 68 bilhões para o país. O mercado de trabalho no campo também viveu um auge, com 28,5 milhões de ocupados e salários para especialistas em tecnologia rural atingindo R\$ 20 mil mensais. O agronegócio agora responde por quase 30% da economia brasileira, provando que a inovação "dentro da porteira" é a maior riqueza da nação. A produção total de grãos saltou 16,3%, atingindo 350,2 milhões de toneladas.

Página 3.

2025 TERMINA COMO O MAIOR ANO DA HISTÓRIA PARA CARNE BOVINA

Páginas 4.

MERCOSUL E UE: O PERIGO DAS TAXAS INVISÍVEIS AO PRODUTOR NACIONAL

Páginas 8.

GENÉTICA: RAÇA BRANGUS CRESCE ACIMA DA MÉDIA NACIONAL EM 2025

O Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne (Promebo) registrou 45.476 avaliações em 2025, com destaque para o crescimento de 17% da raça Brangus.

O balanço anual da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares (ANC) aponta que a pecuária de seleção genética manteve sua trajetória de expansão em 2025. O Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne (Promebo) consolidou 45.476 avaliações ao longo do último ciclo. O volume engloba dados técnicos de desmama, sobreano, exames de ultrassonografia e análises genômicas.

O índice representa uma elevação de 2,6% em comparação ao desempenho de 2024. O resultado demonstra que, apesar das oscilações de mercado, o pecuarista brasileiro mantém o investimento em ferramentas de precisão para a tomada

de decisões. A adesão contínua reforça a importância de dados científicos na identificação de animais superiores e no aumento da produtividade do rebanho nacional.

A raça Brangus desponta como o principal destaque individual do levantamento. Entre 2024 e 2025, o número de avaliações da raça cresceu 17%, superando significativamente a média geral do programa. Esse avanço consolida uma tendência observada na última década, na qual o Brangus registrou um crescimento médio anual de 10%, acelerando agora para patamares mais elevados.

A adaptação às variadas condições climáticas brasileiras e o potencial produtivo explicam a forte demanda pelo Brangus. O uso do Promebo como ferramenta estratégica permite que os criadores orientem a escolha de matrizes com maior acurácia. O programa facilita a indicação dos melhores acasalamentos, otimizando o ganho genético e a eficiência alimentar dos animais que chegam ao mercado.

"Nos últimos dez anos, o Brangus cres-



Foto: Divulgação

ceu, em média, 10% ao ano, e de 2024 para 2025 esse incremento chegou a 17%", afirma o coordenador do Promebo, Laerte Rochel.

O crescimento total do programa em 2025 foi considerado moderado quando comparado a anos anteriores. Esse comportamento do mercado reflete a pressão sofrida pela pecuária diante da expansão das lavouras de soja e arroz. Em diversas regiões, áreas antes dedicadas ao pastejo foram convertidas para a agricultura, o que provocou uma reorganização geográfica e produtiva da atividade pecuária.

Mesmo com a competição por solo, o setor de genética vive um período de valorização e relevância técnica. O aumento no

número de avaliações genômicas vinculadas indica que os criadores estão buscando tecnologias mais profundas para garantir a qualidade da carne. O foco na eficiência tornou-se a principal estratégia para manter a rentabilidade em áreas menores ou em sistemas de integração.

A expectativa para 2026 é de que o ritmo de crescimento seja intensificado. A retomada de preços e a necessidade de reposição com animais de alto valor genético devem impulsionar novas adesões ao Promebo. O setor entra no novo ano com foco na previsibilidade e na consolidação das ferramentas de seleção como base para uma pecuária moderna e competitiva.

Agroin[®]
comunicação

JORNAL AGROIN AGRONEGÓCIOS
Circulação Nacional

ANO XIX - Nº 254
14 de janeiro de 2026

Diretor:
WISLEY TORALES
wisley@agroin.com.br - 67 9.9974-6911

Jornalista Responsável:
WISLEY TORALES / DREMS 2254
wisley@agroin.com.br

Direto à Redação:
SUGESTÕES DE PAUTA
agroin@agroin.com.br - wisley@agroin.com.br

O Jornal Agroin Agronegócios é uma publicação de responsabilidade da Agroin Comunicação.

Tiragem:
--- 100% DIGITAL ---
Versão Digital: 108.527 e-mails válidos

Redação, Publicidade e Assinaturas
Rua Ana Paula Fernandes, 471,
Jardim Itatiaia, CEP 79042-130
Campo Grande-MS
Fone: (67) 3382-1739
wisley@agroin.com.br
www.agroin.com.br

AGROIN COMUNICAÇÃO
Não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas entrevistas ou matérias assinadas.

PECUÁRIA LEITEIRA
PASSO A PASSO
PARA INICIAR
NA ATIVIDADE



O ANO EM QUE O AGRO NACIONAL HUMILHOU TODAS AS ESTATÍSTICAS

O agronegócio brasileiro encerrou 2025 com 10 recordes históricos, atingindo US\$ 348,68 bilhões em exportações e liderança mundial em soja e algodão.

O encerramento do ciclo de 2025 marcou um ponto de inflexão na história econômica do Brasil. O agronegócio não apenas manteve sua posição como motor do Produto Interno Bruto (PIB), mas consolidou-se como a âncora de estabilidade nacional em um cenário global de fragmentação geopolítica. Com uma colheita que superou todas as projeções iniciais, o país reafirmou sua maturidade tecnológica e capacidade de escala, mesmo enfrentando barreiras protecionistas e desafios logísticos severos.

A participação do setor na economia brasileira atingiu o patamar estruturante de 29,4% do PIB total em 2025. Esse avanço foi impulsionado por um crescimento de 6,49% logo no primeiro trimestre, puxado por uma safra de verão excepcional no Centro-Oeste. O Valor Bruto da Produção (VBP) saltou para R\$ 1,412 trilhão, um crescimento real de 14,7% em comparação ao ano anterior, evidenciando que o campo está gerando riqueza em volumes sem precedentes.

O PROTAGONISMO REGIONAL E OS DESAFIOS NOS ESTADOS - Mato Grosso continuou sendo a locomotiva da produção nacional. O estado liderou os volumes de soja e algodão, mas ligou o sinal de alerta para o "apagão" de mão de obra qualificada. Segundo dados do Imea/Senar-MT, 70% dos produtores mato-grossenses relataram dificuldades extremas para contratar técnicos e operadores. Para mitigar o problema, o estado investiu pesado em qualificação tecnológica para operar maquinários que custam milhões de reais.

Em Goiás, o cenário foi de crescimento acelerado. O PIB agropecuário goiano cresceu 16,8% no primeiro quadrimestre de 2025, muito acima da média nacional. O estado gerou mais de 10.700 novos postos de trabalho formais, consolidando-se como o quarto maior produtor de grãos. Entretanto, a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) alertou para o



impacto do "Tarifaço" americano, que gerou perdas estimadas em US\$ 325,6 milhões, afetando principalmente a carne bovina e o setor sucroenergético.

No Mato Grosso do Sul, a eficiência logística foi o foco principal. O estado participou ativamente de programas como o "Voucher Transportador", visando suprir

a carência de motoristas profissionais para escoar a produção recorde. Já no Paraná, o sistema FAEP focou na gestão da "porteira para dentro" através do projeto Campo Futuro, monitorando custos de produção em tempo real para proteger a margem do produtor diante da volatilidade dos preços dos insumos.

A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA E DAS PESSOAS - A safra 2024/25 será lembrada como a "safra da tecnologia". O uso de bioinsumos e sementes tolerantes ao estresse hídrico permitiu que a produtividade da soja crescesse 10,3%. No milho, a segunda safra (safrinha) deu um salto de 24,4% em volume, provando que o pacote tecnológico aplicado no inverno já se equipara ao da safra principal.

Essa modernização alterou o perfil do trabalhador rural. O número de profissionais com ensino superior no campo cresceu 4,5%. Novas carreiras, como pilotos de drones agrícolas, tornaram-se as "profissões de ouro". Em regiões de alta tecnologia no Triângulo Mineiro e no Norte de Mato Grosso, esses profissionais chegam a ganhar salários entre R\$ 10.000 e R\$ 20.000 mensais. A demanda por analistas de dados e gestores de biofábricas transformou as fazendas em verdadeiros centros de inovação digital.

BALANÇA COMERCIAL E NOVAS FRONTEIRAS - A China consolidou seu papel de parceiro indispensável, absorvendo 28% de tudo o que o Brasil exportou em 2025. Para reduzir a dependência de poucos mercados, o Ministério da Agricultura abriu 211 novos mercados internacionais no último ano, focando no Sudeste Asiático e Oriente Médio.

Enquanto as regiões tradicionais verticalizam a produção, o Brasil viu o surgimento de novas estrelas no mapa agrícola. A fronteira Sealba (Sergipe, Alagoas e Nordeste da Bahia) despontou como um polo de milho, aproveitando janelas climáticas únicas. Esse movimento de expansão para o Nordeste é suportado por acordos de cooperação técnica entre os estados para atrair agroindústrias e melhorar a infraestrutura de escoamento.

O superávit comercial de US\$ 68,29 bilhões registrado pelo Brasil em 2025 só foi possível devido ao fôlego do agronegócio, que compensou o aumento das importações de tecnologia e fertilizantes. A produção total de grãos fechou o ciclo com 350,2 milhões de toneladas, um aumento de 16,3% sobre a safra anterior.

CARNE BOVINA: 2025 TERMINA COMO O MAIOR ANO DA HISTÓRIA DO SETOR

O Brasil exportou o volume recorde de 3,50 milhões de toneladas de carne bovina em 2025, gerando uma receita histórica de US\$ 18,03 bilhões para o país.

A pecuária de corte brasileira consolidou em 2025 o ciclo mais vigoroso de sua história no comércio exterior. Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), compilados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), confirmam que o país embarcou 3,50 milhões de toneladas. O resultado representa um incremento de 20,9% em relação ao volume de 2024.

O desempenho financeiro foi ainda mais

expressivo, impulsionado pela valorização da proteína no mercado internacional. O faturamento total atingiu US\$ 18,03 bilhões, cifra 40,1% superior à registrada no ano anterior. A carne in natura permaneceu como o carro-chefe das operações, respondendo por 3,09 milhões de toneladas e gerando divisas de US\$ 16,61 bilhões para a balança comercial.

A capilaridade do produto brasileiro atingiu patamares inéditos, com vendas destinadas a mais de 170 países. A China manteve sua posição de hegemonia, absorvendo 48% de todo o volume exportado pelo Brasil. Foram 1,68 milhão de toneladas enviadas ao mercado chinês, o que resultou em uma receita de US\$ 8,90 bilhões, um avanço de 22,8% no comparativo anual.

Os Estados Unidos ocuparam a segunda posição no ranking de destinos, com 271,8 mil toneladas e faturamento de US\$ 1,64 bilhão. Mesmo diante de desafios conjunturais, como ajustes tarifários no mercado norte-americano, a indústria brasileira demonstrou capacidade de adaptação. Outro destaque absoluto foi a União Europeia, que



Foto: Divulgação

apresentou um crescimento exponencial de 132,8% nas aquisições.

A diversificação de mercados também abrangeu países do Oriente Médio e Norte da África com variações surpreendentes. As exportações para a Argélia saltaram 292,6%, enquanto o Egito registrou alta de 222,5%. Esse movimento reflete a eficiência das parcerias entre o setor privado e órgãos governamentais, como a ApexBrasil e o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa).

“O desempenho de 2025 foi extraordinário. Conseguimos ampliar volume, valor e presença internacional. A indústria respondeu com rapidez, mostrou resiliência e saiu fortalecida”, afirma o presidente da Abiec, Roberto Perosa.

Para o ano de 2026, a perspectiva é de manutenção das operações em patamares elevados, com foco em mercados de alto valor agregado. A Abiec sinaliza que as negociações estão ativas para ampliar a presença em destinos estratégicos como Japão, Coreia do Sul e Turquia. A estratégia do setor foca agora em um crescimento qualificado, priorizando a competitividade e a previsibilidade.

O encerramento do ano também foi marcado por um dezembro robusto, com o embarque de 347,4 mil toneladas. A China liderou as compras do mês, seguida por Estados Unidos e Chile. O balanço final de 2025 reafirma a maturidade da indústria frigorífica nacional e a confiança dos importadores globais no sistema de defesa sanitária e na qualidade da carne produzida no Brasil.

BRASIL SUPERA CANADÁ E ASSUME TERCEIRO LUGAR NA EXPORTAÇÃO DE CARNE SUÍNA

As exportações brasileiras de carne suína atingiram o recorde de 1,510 milhão de toneladas em 2025, consolidando o Brasil como o terceiro maior exportador mundial do setor.

O setor de suinocultura do Brasil encerrou o ano de 2025 com resultados históricos, estabelecendo um novo patamar de desempenho no mercado global. Dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) indicam que o volume total embarcado somou 1,510 milhão de toneladas. O índice representa um avanço de 11,9% na comparação com as 1,352 milhão de toneladas registradas no ciclo anterior.

Com esse desempenho, o Brasil ultrapassa o Canadá no ranking internacional,

posicionando-se agora atrás apenas da União Europeia e dos Estados Unidos. O crescimento foi impulsionado por um mês de dezembro atípico, que registrou a exportação de 137,8 mil toneladas. Esse volume mensal foi 25,8% superior ao aferido no mesmo período de 2024, quando os embarques totalizaram 109,5 mil toneladas.

No balanço financeiro, a valorização do produto no mercado externo elevou significativamente o faturamento das agroindústrias nacionais. A receita total das

exportações em 2025 atingiu US\$ 3,619 bilhões, montante 19,3% acima dos US\$ 3,033 bilhões obtidos no ano retrasado. Somente em dezembro, as vendas externas geraram US\$ 324,5 milhões, o que representa um salto de 25,6% frente ao ano anterior.

O mapa de destinos da proteína brasileira passou por uma redistribuição importante ao longo de 2025. As Filipinas consolidaram a liderança como principal comprador, importando 392,9 mil toneladas, uma expansão de 54,5% sobre o volume de 2024. O movimento compensou a retração da China, que reduziu suas compras em 33%, fechando o ano com 159,2 mil toneladas.

A diversificação de mercados é apontada pela liderança do setor como o fator de estabilidade para os novos recordes. Além do crescimento nas Filipinas, o Japão e o Chile ganharam relevância no Top 5 de

importadores. A estratégia de diminuir a dependência de um único player internacional permitiu ao Brasil manter o ritmo de crescimento mesmo diante das oscilações da demanda chinesa.

“Houve uma mudança significativa no tabuleiro dos destinos de exportação. Isso demonstra a efetividade do processo de diversificação, o que reduz riscos e amplia oportunidades”, ressalta o presidente da ABPA, Ricardo Santin.

A consolidação do país em mercados exigentes, como o japonês, reflete o avanço sanitário e a competitividade do sistema produtivo nacional. A abertura de novas plantas e a manutenção de status sanitários favoráveis em estados produtores foram determinantes para o fluxo positivo. O cenário atual estabelece uma base sólida para a manutenção dos volumes de embarques durante o primeiro trimestre de 2026.

SETOR AVÍCOLA SUPERA FOCO DE INFLUENZA AVIÁRIA E ALCANÇA MARCA HISTÓRICA

As exportações brasileiras de carne de frango atingiram o recorde de 5,324 milhões de toneladas em 2025, superando os desafios sanitários do setor.

A avicultura brasileira encerrou o ciclo de 2025 consolidando sua posição de liderança no mercado global, após atravessar um dos períodos mais complexos de sua história. Dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) revelam que os embarques totais somaram 5,324 milhões de toneladas nos 12 meses do ano. O volume supera em 0,6% o total registrado em 2024, estabelecendo um novo recorde anual para o setor.

O desempenho foi impulsionado por um encerramento de ano acelerado. Somente no mês de dezembro, o Brasil embarcou 510,8 mil toneladas de carne de frango, um salto de 13,9% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Esse fôlego na reta final foi determinante para reverter as incertezas que marcaram o primeiro semestre e garantir o saldo positivo projetado pelas lideranças setoriais.

No campo financeiro, a receita total das exportações em 2025 atingiu US\$ 9,790 bilhões. Embora o valor seja 1,4% inferior ao faturamento de 2024, o resultado de dezembro trouxe uma recuperação im-

portante, com US\$ 947,9 milhões gerados em divisas. O montante mensal foi 10,6% superior ao aferido em dezembro do ano retrasado, sinalizando uma melhora nos preços médios internacionais.

A superação de um foco pontual de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade em aves comerciais foi o grande marco de resiliência da cadeia produtiva. O controle rápido da situação permitiu o restabelecimento total dos fluxos comerciais com os principais parceiros. A eficiência do sistema de defesa sanitária brasileiro evitou prejuízos estruturais e garantiu a manutenção da confiança dos compradores estrangeiros.

“Fechar o ano com resultados positivos é um feito a ser celebrado e reforça a perspectiva projetada para 2026, ampliando a presença brasileira no mercado global”, avalia o presidente da ABPA, Ricardo Santin.

Quanto aos destinos, os Emirados Árabes Unidos figuraram como o principal comprador do frango brasileiro em 2025, com a importação de 479,9 mil toneladas, uma alta de 5,5%. Na sequência, o Japão adquiriu 402,9 mil toneladas, seguido de



Foto: Divulgação

perto pela Arábia Saudita, com 397,2 mil toneladas. Outros destaques positivos foram a África do Sul e as Filipinas, que ampliaram suas compras em 3,3% e 12,5%, respectivamente.

A retomada das exportações para mercados estratégicos como a União Europeia e a China também impulsionou os números do último mês. Os embarques para o bloco europeu cresceram 52% em volume apenas em dezembro. Já a China, em um curto intervalo de tempo após a normalização das relações comerciais, importou 21,2 mil

toneladas, reforçando a expectativa de um cenário promissor para o início de 2026.

O cenário atual permite que o setor planeje o novo ano com otimismo e foco na expansão da produção. A capacidade de resposta da indústria frente a crises sanitárias elevou o prestígio da proteína nacional. Com a diversificação de mercados e o restabelecimento de fluxos para grandes centros consumidores, a avicultura brasileira entra em 2026 com indicadores que projetam a manutenção de patamares elevados de embarques.

CARNES BRASILEIRAS AVANÇAM MESMO COM BARREIRAS

A decisão da China de limitar a 1,1 milhão de toneladas a cota de carne bovina do Brasil em 2026 não apaga o desempenho extraordinário das exportações brasileiras de proteínas animais ao longo da última década. Segundo Altair Albuquerque, diretor na Texto Assessoria de Comunicações, mesmo diante de obstáculos como o tarifaço dos Estados Unidos e episódios de gripe aviária, o país consolidou uma trajetória de crescimento contínuo e diversificação de mercados.

Em 2025, o Brasil exportou 3,5 milhões de toneladas de carne bovina, 5,324 milhões de toneladas de carne de frango e 3,619 milhões de toneladas de carne suína, este último um recorde histórico absoluto. Com esse desempenho, o país manteve a liderança mundial nas exportações de carne de frango e bovina e alcançou a terceira posição global no ranking da carne suína, reforçando sua relevância estratégica no comércio internacional de alimentos.

A evolução fica ainda mais evidente

quando se compara 2016 com 2025, a partir dos dados da ABPA e da ABIEC. As exportações de carne de frango cresceram de 4,384 milhões para 5,324 milhões de toneladas, avanço de 21,4%, enquanto a receita saltou de US\$ 6,849 bilhões para US\$ 9,79 bilhões, alta de 42,9%. Na carne suína, o volume praticamente dobrou, de 0,732 milhão para 1,51 milhão de toneladas, e a receita disparou de US\$ 1,483 bilhão para US\$ 3,619 bilhões, crescimento de 144%.

Já a carne bovina apresentou o salto mais

expressivo em valor. O volume exportado subiu de 1,4 milhão para 3,5 milhões de toneladas, crescimento de 150%, enquanto a receita avançou de US\$ 5,5 bilhões para US\$ 18 bilhões, alta de 227% em dez anos. O conjunto desses números mostra que, mesmo com restrições pontuais em mercados específicos, o Brasil ampliou fortemente sua presença global, conquistou novos compradores e agregou valor às suas exportações, consolidando o país como um dos pilares do abastecimento mundial de proteínas animais.



Curta nossa página no Facebook e acompanhe na timeline da Agroin a evolução do Jornal Agroin Agronegócios

CARNES E CAFÉ SÃO OS PRODUTOS COM MAIOR POTENCIAL DE GANHO IMEDIATO NA UE

A aprovação do acordo Mercosul-União Europeia deve gerar ganhos imediatos para o agronegócio brasileiro, com a eliminação de tarifas em 91% do comércio.



Foto: Anna / Pixabay

A formalização do acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia marca o início de uma transformação estrutural nas trocas entre os dois blocos. O tratado estabelece a eliminação de tarifas de importação para cerca de 91% de todo o comércio bilateral, além de prever a harmonização de normas regulatórias. Embora a implementação completa seja distribuída ao longo de vários anos, os setores produtivos já desenham suas estratégias para ocupar os novos espaços abertos.

No curto prazo, o agronegócio brasileiro é apontado como o principal beneficiário da abertura. Produtos como café, frutas, suco de laranja e óleos vegetais estão entre os itens

mais competitivos e prontos para ampliar sua participação no mercado europeu. A redução gradual dos impostos de importação retira um peso financeiro que, até então, limitava a margem de lucro dos exportadores nacionais perante concorrentes de outros blocos.

Setores como o de carnes, açúcar e etanol também apresentam potencial relevante, embora permaneçam sob o regime de cotas tarifárias e salvaguardas. O alto nível de exigência técnica do produtor brasileiro facilita a conformidade com os rígidos filtros regulatórios europeus. Mesmo com as limitações de volume impostas para proteger os agricultores do Velho Continente, a previsibilidade trazida pelo acordo é vista

como um fator que destrava investimentos em infraestrutura.

O impacto do acordo, contudo, não se restringe às commodities primárias. A indústria de processamento e setores como o químico, de máquinas e de equipamentos de transporte também projetam avanços. A convergência de normas técnicas é considerada um elemento fundamental para reduzir a burocracia e os custos logísticos. A indústria brasileira de calçados e artefatos de couro, que já possui tradição exportadora, vê na queda de barreiras não tarifárias uma chance de reposicionamento.

O setor de energia surge como um novo eixo estratégico, impulsionado pela busca

europeia por diversificação de fontes e pela vocação brasileira em renováveis. A complementaridade entre as economias sugere que o Brasil pode se tornar um fornecedor chave de soluções energéticas limpas para o bloco europeu. Em contrapartida, o mercado interno brasileiro deve se preparar para uma concorrência mais acirrada com a entrada de bens industriais europeus de maior valor agregado.

O sucesso da inserção brasileira dependerá da capacidade das empresas em se adaptarem rapidamente aos novos padrões de sustentabilidade exigidos por Bruxelas. O acordo institucionaliza um ambiente regulatório mais restritivo, mas também oferece segurança jurídica para parcerias de longo prazo. A integração econômica tende a forçar um salto de produtividade na indústria nacional, que precisará inovar para manter sua relevância diante dos produtos importados.

A expectativa é de que a implementação gradual permita ajustes setoriais necessários para mitigar riscos de desindustrialização em áreas sensíveis. A redução de barreiras não tarifárias é o componente que mais pode acelerar o comércio no médio prazo, uma vez que simplifica o trâmite de certificações. O agronegócio, ao liderar os benefícios iniciais, serve como locomotiva para a abertura de portas que, no futuro, devem favorecer toda a cadeia produtiva brasileira.



VÍDEO YOUTUBE:

Vamos falar sobre a posição do Brasil no cenário mundial da carne, o manejo adequado das pastagens, quais as principais pragas que afetam as pastagens, 5 práticas para conservação do solo, rotação de pastagens, taxa de lotação e muito mais!

SETOR PRODUTIVO PREVÊ NOVA ERA DE INVESTIMENTOS COM TRATADO EUROPEU

Entidades empresariais brasileiras celebraram o aval da União Europeia ao acordo com o Mercosul, projetando novos investimentos e abertura de mercados.

O empresariado brasileiro reagiu com otimismo à aprovação do acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia, ocorrida no último dia 09. Após 25 anos de negociações, o tratado obteve a chancela necessária de 15 dos 27 Estados-membros do bloco europeu. O avanço institucional é visto como um marco para a inserção internacional do Brasil e para a modernização do parque industrial nacional.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) destacou que a parceria é estratégica para a geração de riqueza. De acordo com a entidade, em 2024, a cada R\$ 1 bilhão exportado para a Europa, o Brasil gerou mais de 21 mil empregos e movimentou R\$ 3,2 bilhões em produção. Para a indústria química, representada pela Abiquim, o tratado permite reposicionar o setor em cadeias globais de maior valor agregado, especialmente em bioeconomia e energia limpa.

No setor eletroeletrônico, a expectativa é de um salto nas exportações entre 25% e 30% no médio prazo. A Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) enfatizou que o acordo cria a maior zona de livre comércio do mundo, oferecendo uma alternativa sólida em meio às turbulências geopolíticas globais. Além da abertura de mercados tradicionais, a CNI projeta a intensificação de trocas com o Leste Europeu, incluindo Polônia e República Tcheca.

“A aprovação do acordo cria as condições políticas necessárias para avançarmos rumo à assinatura. Queremos transformar esse avanço em oportunidades concretas”, afirma o presidente da CNI, Ricardo Alban.

Entidades regionais como Fiesp, Firjan e Fiemg também manifestaram entusiasmo, embora com cautela sobre a competitividade interna. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo ressaltou que, apesar de o texto não ser perfeito, ele foi o entendi-



mento possível para conciliar interesses de 31 países. O desafio, segundo a Fiesp, será melhorar a produtividade “da porta para dentro” das fábricas para competir em pé de igualdade com os europeus.

A Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg) lembrou que o estado já mantém uma relação superavitária com a Europa, com saldo positivo de US\$ 17,62 bilhões entre 2021 e 2025. Setores mineiros como café, mineração e siderurgia devem ser os principais beneficiados. Entretanto, a federação alertou para a necessidade de

monitorar os segmentos mais sensíveis à concorrência externa e ao cumprimento de rígidas normas sanitárias.

Pelo lado do agronegócio, o presidente da Faesp, Tirso Meirelles, classificou o acordo como um avanço importante diante do protecionismo de outros mercados, como o norte-americano. No entanto, o setor cobra que o governo brasileiro também adote salvaguardas para proteger cadeias sensíveis, como a do leite, que enfrenta forte pressão das importações. O equilíbrio entre abertura comercial e proteção ao produtor local permanece no centro das atenções.

Para a Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB), a implementação do acordo atrairá investimentos europeus não apenas para o Brasil, mas para todo o Cone Sul. O tratado é visto como uma vitória da diplomacia que exigirá diálogo contínuo entre os países membros para garantir que os benefícios cheguem a toda a sociedade. O trabalho de implementação deve seguir ao longo de 2026, com foco em segurança jurídica e isonomia competitiva.



VÍDEO YOUTUBE:
Visitamos o BioOracle, centro de pesquisas da Biotrop. Saiba como são desenvolvidos e produzidos os Biológicos!

MERCOSUL-UE: ASSIMETRIA TARIFÁRIA PODE GERAR CUSTO OCULTO AO BRASIL

O acordo entre Mercosul e União Europeia apresenta uma liberalização assimétrica que impõe custos de adaptação elevados ao setor produtivo brasileiro.

A iminente conclusão do tratado comercial entre o Mercosul e a União Europeia, após 25 anos de tratativas, traz à tona um debate sobre as letras miúdas do documento. Embora o governo brasileiro celebre o avanço das negociações, análises técnicas apontam que o desenho do acordo carrega um custo oculto significativo. A principal preocupação reside na disparidade de compromissos assumidos pelos dois blocos econômicos durante o período de implementação, que pode durar 15 anos.

A assimetria é visível no cronograma de redução tarifária. O Mercosul aceitou uma abertura acelerada para bens industrializados europeus de alto valor agregado, como químicos, fármacos, máquinas e automóveis. Em contrapartida, a União Europeia manteve uma postura conservadora em relação à agricultura, setor onde o Brasil

detém ampla vantagem competitiva. A abertura europeia será lenta e rigorosamente controlada por meio de cotas e salvaguardas.

Produtos estratégicos para o agronegócio nacional, como carne bovina, açúcar, etanol e arroz, não terão livre circulação imediata. Eles continuarão limitados por volumes pré-estabelecidos e sujeitos a filtros regulatórios rígidos. Essa estrutura impede que o Brasil aproveite plenamente sua eficiência produtiva, enquanto a indústria europeia ganha acesso facilitado ao mercado consumidor sul-americano de forma quase imediata.

As cláusulas de sustentabilidade ambiental representam outro ponto de atenção e custo para o exportador. O acordo transforma critérios ambientais em condições mandatórias para o acesso ao mercado europeu. Na prática, todo o ônus financeiro da adaptação produtiva, rastreabilidade e certificação de origem recai sobre o produ-



Foto: Fotografiende/ Pixabay

tor brasileiro. Ao mesmo tempo, o poder de fiscalização e sanção fica concentrado em Bruxelas.

“O custo de adaptação e certificação recai sobre o exportador brasileiro, enquanto o poder de fiscalização permanece concentrado em Bruxelas, com margem para uso político”, indica Alê Delara.

Essa dinâmica pode transformar regras ambientais em barreiras não tarifárias modernas. Analistas sugerem que o poder regulatório europeu pode ser utilizado

politicamente para frear a expansão brasileira em momentos de alta competitividade. Assim, o tratado institucionaliza um desequilíbrio que pode moldar a inserção comercial do país por décadas, limitando o Brasil a ganhos marginais em vez de uma mudança estrutural na balança comercial.

A indústria nacional também deve enfrentar uma concorrência mais agressiva sem ter tido tempo para reformas internas de competitividade, como a redução do Custo Brasil. O risco apontado por especialistas em geopolítica é o país aderir a um arcabouço de regras que se dizem neutras, mas que operam de forma profundamente política. A entrada no bloco europeu amplia a previsibilidade jurídica, mas fixa condicionantes estruturais severas.

O cenário exige que o setor produtivo e o governo brasileiro atuem de forma coordenada para mitigar esses impactos. A busca por novos mercados, como os países do Oriente Médio e da Ásia, torna-se uma estratégia de sobrevivência para equilibrar as restrições que o mercado europeu passará a impor. O sucesso do Brasil no pós-acordo dependerá da capacidade da diplomacia comercial em contestar o uso político de normas técnicas e ambientais.



VÍDEO YOUTUBE:
E depois de várias mensagens no instagran da @agroin_comunic, resolvemos fazer um vídeo mais detalhado sobre os biológicos. Ele não anula o vídeo da visita que fizemos a Biotrop, mas sim é um complemento dele.

CELULOSE LIDERA PAUTA E IMPULSIONA EXPORTAÇÕES HISTÓRICAS EM MS

Mato Grosso do Sul encerrou 2025 com o recorde histórico de US\$ 10,7 bilhões em exportações, impulsionado pela celulose e pela resiliência do setor produtivo.

Mato Grosso do Sul consolidou em 2025 o melhor desempenho de sua história no comércio exterior. De acordo com a Carta de Conjuntura elaborada pela Semadesc, as vendas externas somaram US\$ 10,7 bilhões, superando o recorde anterior de 2023. O resultado representa um crescimento de 7,51% em relação ao ano de 2024, reafirmando a força do agronegócio e da base industrial sul-mato-grossense.

O desempenho foi alcançado em um cenário global desafiador, marcado por restrições comerciais impostas pelos Estados Unidos em setores como carne bovina e citricultura. Segundo o secretário Jaime Verruck, titular da Semadesc, a economia estadual demonstrou alta capacidade de adaptação, realocando produtos para novos mercados e ajustando o fluxo de escoamento para manter a produção em ritmo normal.

A pauta exportadora do estado permanece ancorada em três pilares fundamentais:

celulose, soja e carne bovina. A celulose liderou o ranking, respondendo por 28,98% do faturamento total, consolidada pelos pesados investimentos industriais na região leste. A soja ocupou a segunda posição, com 22%, seguida pela carne bovina, que garantiu 17% das divisas geradas para o estado.

“Tivemos discussões e restrições comerciais importantes, mas conseguimos reagir. O Mato Grosso do Sul bateu recorde de exportações mesmo em um cenário internacional adverso”, afirma o secretário Jaime Verruck.

A China manteve-se como o parceiro comercial mais relevante para Mato Grosso do Sul, sendo o destino de 48,57% de todas as mercadorias exportadas. Os Estados Unidos aparecem na sequência, apesar das barreiras pontuais. A diversificação de destinos e a eficiência logística foram determinantes para o sucesso, com o Porto de Santos operando como a principal porta de saída da produção sul-mato-grossense.

No setor mineral, a estabilidade do ca-



Foto: Divulgação

lado dos rios ao longo de 2025 permitiu um desempenho notável. O estado registrou um recorde na exportação de minério de ferro, superando a marca de 8 milhões de toneladas. O fluxo via Corumbá e a integração ferroviária pela Malha Norte garantiram que o minério e as commodities agrícolas chegassem aos terminais portuários com competitividade.

No recorte municipal, a industrialização dita o ritmo do crescimento regional. Três Lagoas permanece no topo do ranking estadual, concentrando 19,68% das exportações devido ao cluster de celulose. Ribas do Rio Pardo consolidou a segunda posição, com 11%,

impulsionada pela nova fronteira florestal. Já a soja apresenta uma distribuição geográfica mais equilibrada, com produção presente em mais de 60% dos municípios de MS.

Do lado das importações, o estado registrou uma queda de 3,4%, totalizando US\$ 2,8 bilhões. O gás natural continua sendo o principal item importado, embora tenha apresentado contração no volume, o que impactou diretamente a arrecadação estadual. Por outro lado, a importação de máquinas industriais para o setor de papel e celulose sinaliza a continuidade dos investimentos que devem sustentar novos recordes em 2026.

EMBRAPA: VOLUME DE CHUVA EM CONCÓRDIA ATINGE 2.161 MM NO ANO

A Estação Agrometeorológica da Embrapa Suínos e Aves registrou 2.161 milímetros de chuva em 2025, em Concórdia (SC), volume 13% superior à média histórica local.

O município de Concórdia, no Oeste catarinense, encerrou o ano de 2025 com índices pluviométricos acima do esperado. De acordo com os dados da Estação Agrometeorológica da Embrapa Suínos e Aves, o volume total de chuva atingiu 2.161 milímetros, superando em 13% a média histórica da região, que é de 1.908 mm.

O monitoramento aponta que o mês de junho foi o mais chuvoso do ano, com um acumulado de 438 mm. Dezembro apareceu na sequência, registrando 304 mm de

precipitação. Ao todo, o município teve 124 dias com chuva e 241 dias de tempo seco ao longo dos doze meses de 2025.

Em relação ao comportamento das temperaturas, o levantamento da Embrapa destaca os extremos registrados. Os dias 10 e 11 de fevereiro foram os mais quentes do ano, com os termômetros atingindo a marca de 36,5 °C. Já o registro de menor temperatura ocorreu no dia 25 de junho, quando a mínima chegou a -2,2 °C.

Os técnicos da Embrapa ressaltam que os dados consideram exclusivamente a



temperatura do ar. Fatores como a sensação térmica, que é influenciada pela umidade relativa do ar e pela velocidade do vento, não estão incluídos nessas medições específicas.

A estação meteorológica, localizada no

distrito de Tamanduá, opera desde 1985 e segue rigorosamente as normas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). O histórico da estação mostra que, embora 2025 tenha sido chuvoso, o recorde mensal ainda pertence a novembro de 2023, quando choveu 597 mm.

O dia com maior volume de chuva em 24 horas durante o ano de 2025 foi 19 de junho, com 85 mm registrados. Em contrapartida, o mês de julho foi o período menos chuvoso do ano, apresentando um acumulado de apenas 68 mm.

As informações coletadas pela estação são fundamentais para o planejamento das atividades agropecuárias na região, especialmente para as cadeias de suínos e aves, que dependem de dados climáticos precisos para a gestão da produção e do ambiente das granjas.

ESTUDO DA EMBRAPA PROVA QUE CONSÓRCIO DE PASTAGEM REDUZ METANO EM ATÉ 50%

Sistemas de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) com consórcio de leguminosas aumentam o ganho de peso animal e reduzem a intensidade de emissões de metano.

Sistemas de integração lavoura-pecuária (ILP) que incluem consórcio entre leguminosas e gramíneas forrageiras de maior potencial produtivo promovem melhor desempenho animal e menor intensidade de emissão entérica de metano (CH_4), além de elevar o acúmulo de carbono no solo. A conclusão é de um estudo conduzido pela Embrapa Cerrados (DF), em parceria com a Universidade de Brasília (UnB). O trabalho científico foi destaque em simpósio internacional coordenado pelo Centro de Estudos de Carbono em Agricultura Tropical (CCARBON), da Universidade de São Paulo (USP). Veja quadro abaixo.

Os resultados fazem parte da tese de doutorado da bolsista Thais de Sousa, que está sendo desenvolvida com a colaboração dos pesquisadores da Embrapa Cerrados Arminde de Carvalho, Roberto Guimarães Junior e Robélío Marchão, sob orientação da professora da UnB Lucrécia Ramos.

Durante o estudo, pesquisadores avaliaram como diferentes estratégias de intensificação na pecuária influenciam o ganho de peso de bovinos nelore BRGN, a emissão de metano entérico e o acúmulo de carbono no solo. Foram analisados três sistemas de produção: uma pastagem contínua solteira de capim BRS Piatã (S1); uma pastagem contínua de BRS Piatã consorciada com a leguminosa feijão-guandu IAPAR 43 (S2); e uma pastagem em rotação com lavoura (ILP) de capim BRS Zuri (S3).

Os resultados mostraram que os animais apresentaram maior ganho de peso nos sistemas mais intensificados. No S1, o ganho médio diário foi de 0,44 kg; no S2, de 0,69 kg; e no S3, de 0,76 kg por animal. A intensidade de emissão de metano, que expressa a relação entre emissão e o ganho de peso total por área foi menor nos sistemas S2 e S3. Por outro lado, a pastagem solteira utilizada como referência no estudo alcan-



Fotos: Thais Rodrigues de Sousa

çou 450 g CH_4 kg GPV/ha (quilo de ganho de peso vivo por hectare), o consórcio com leguminosa emitiu 269 g CH_4 kg GPV/ha e o sistema integrado com capim Zuri em rotação, 224 g CH_4 kg GPV/ha.

O estoque de carbono no solo na camada de 0–30 cm acompanhou a mesma tendência, sendo maior nos sistemas integrados, com destaque para o S2 com a presença da leguminosa, que apresentou 83,17 t C ha^{-1} (toneladas por hectare), em comparação a 62,20 t C ha^{-1} na pastagem solteira, ou seja, mais de 20 t ha^{-1} de incremento de C no consórcio do Piatã com o guandu anão.

EMISSIONES DE GEE - O estudo tam-

bém demonstrou que é possível intensificar a produção pecuária e, ao mesmo tempo, mitigar as emissões de GEE. Sistemas bem manejados, seja com a inclusão de leguminosas ou com a rotação lavoura-pecuária, permitiram maior produção de carne com menor emissão de metano, além de aumentarem o carbono armazenado no solo, melhorando o balanço geral. Resultados anteriores obtidos na mesma área experimental já haviam demonstrado que os sistemas integrados também reduzem as emissões de óxido nitroso (N_2O), um outro gás de efeito estufa, em até 59%.

Esses resultados evidenciam que tecno-

logias como o consórcio de pastagens com leguminosas e a rotação com lavoura são fundamentais para tornar a pecuária mais sustentável e resiliente, contribuindo para a redução dos gases de efeito estufa e uma produção de carne de baixo carbono.

Os dados foram coletados no experimento com sistemas ILP mais antigo do Brasil, localizado na Embrapa Cerrados e implantado em 1991. As avaliações ocorreram em maio, agosto e dezembro de 2024.

METANONOCENTRODOSDEBATES - O Brasil é um dos maiores produtores de carne bovina do mundo, e mais de 90% dessa produção ocorre em sistemas a pasto, que ainda apresentam grande potencial de intensificação. A emissão de metano entérico, gerado no processo digestivo dos animais, tem um alto potencial de aquecimento global, 27 vezes maior que o do CO_2 em 100 anos, sendo influenciado principalmente pela qualidade, disponibilidade e consumo da forragem por ruminantes.

O tema foi destaque nas discussões sobre como a agropecuária brasileira pode contribuir para mitigação das mudanças climáticas durante a COP30, realizada em Belém (PA). “A redução das emissões sem comprometer o desempenho animal é um dos principais desafios da agropecuária, e sistemas integrados, consorciados ou intensivos têm se mostrado alternativas viáveis na descarbonização desse setor”, afirma a pesquisadora Arminde de Carvalho.

ATUALIZAÇÃO DAS RECOMENDAÇÕES

Recomendações sobre o uso de leguminosas em consórcio com pastagens estão sendo atualizadas. Uma circular técnica com orientações para a introdução do guandu-anão em consórcio com capim-braquiária, em sistema de plantio direto, foi publicada em setembro deste ano pela equipe de especialistas da Embrapa Cerrados e está disponível para consulta aqui.

Segundo o pesquisador Robélío Marchão, a Embrapa Cerrados tem atuado em projetos voltados a posicionar novas cultivares de forrageiras nos sistemas integrados, de acordo com suas funcionalidades.

“Trata-se de um novo conceito, em que as plantas forrageiras têm sido utilizadas como espécies de duplo propósito ou plantas de serviço, podendo atuar tanto como pastagens nas áreas de integração com a pecuária quanto como plantas de cobertura nas áreas agrícolas, desempenhando papéis específicos na melhoria do sistema de produção”, destaca o pesquisador.

No caso do consórcio com guandu-anão, a equipe ressalta que, além de elevar o valor nutritivo da forragem, há uma melhoria na qualidade do solo que impacta diretamente a gramínea, aumentando a disponibilidade de nitrogênio em formas orgânicas.

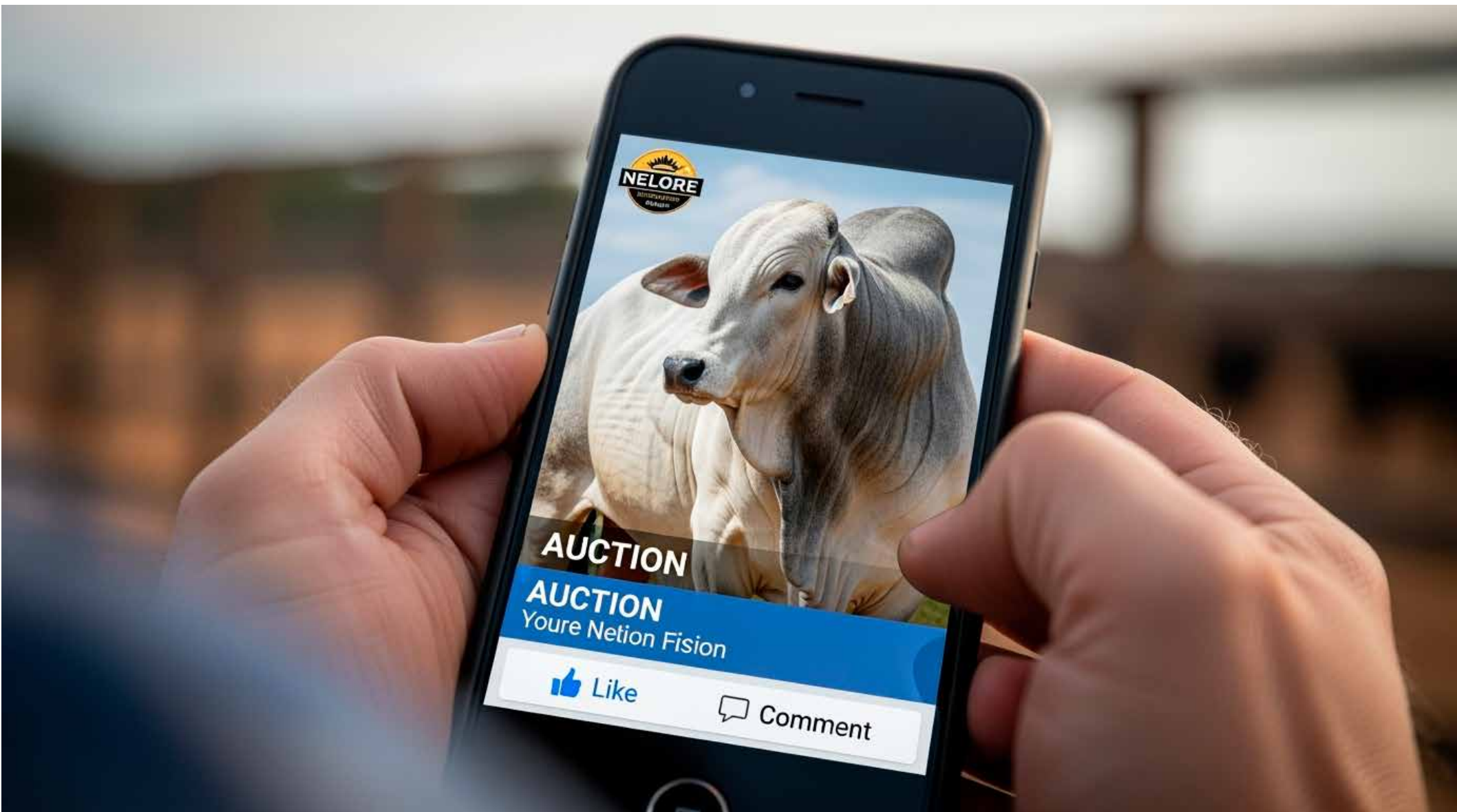




Sabe o seu Zé, da fazenda vizinha?
Aquele que sempre parece estar um passo à frente?

Imagine o seu Zé. É terça-feira, meio da tarde. Ele pega o celular para dar uma olhada no Instagram, talvez ver o vídeo de um trator novo, e PÁ. Aparece a foto do seu melhor touro, imponente, olhando direto para ele.

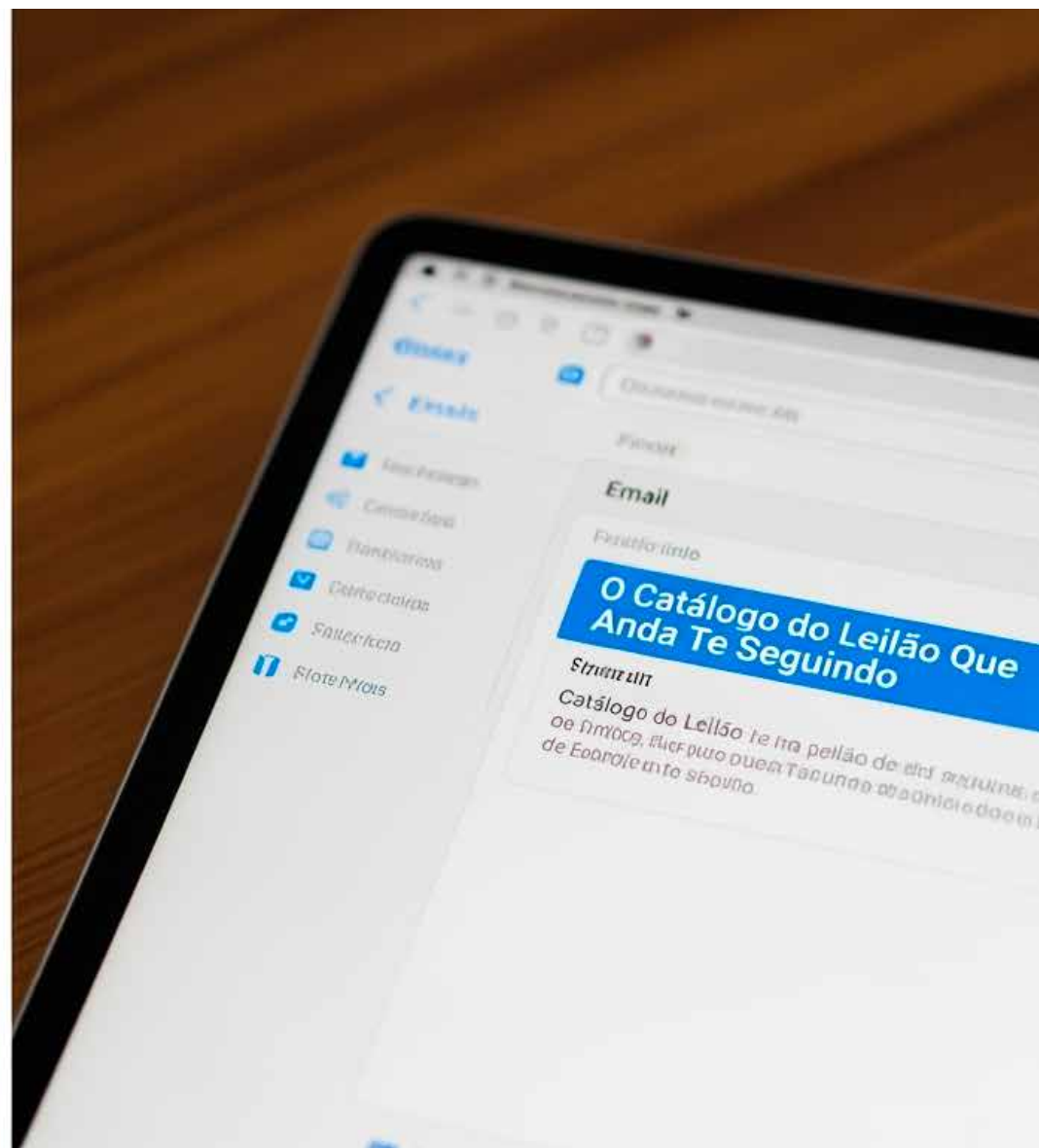
PRÓXIMO >>



Ele acha interessante, mas ignora. Mais tarde, ele abre o Facebook para ver as notícias da cooperativa. E quem está lá, de novo?

O seu leilão. Com a data, o horário e aquele mesmo touro encarando a alma dele.

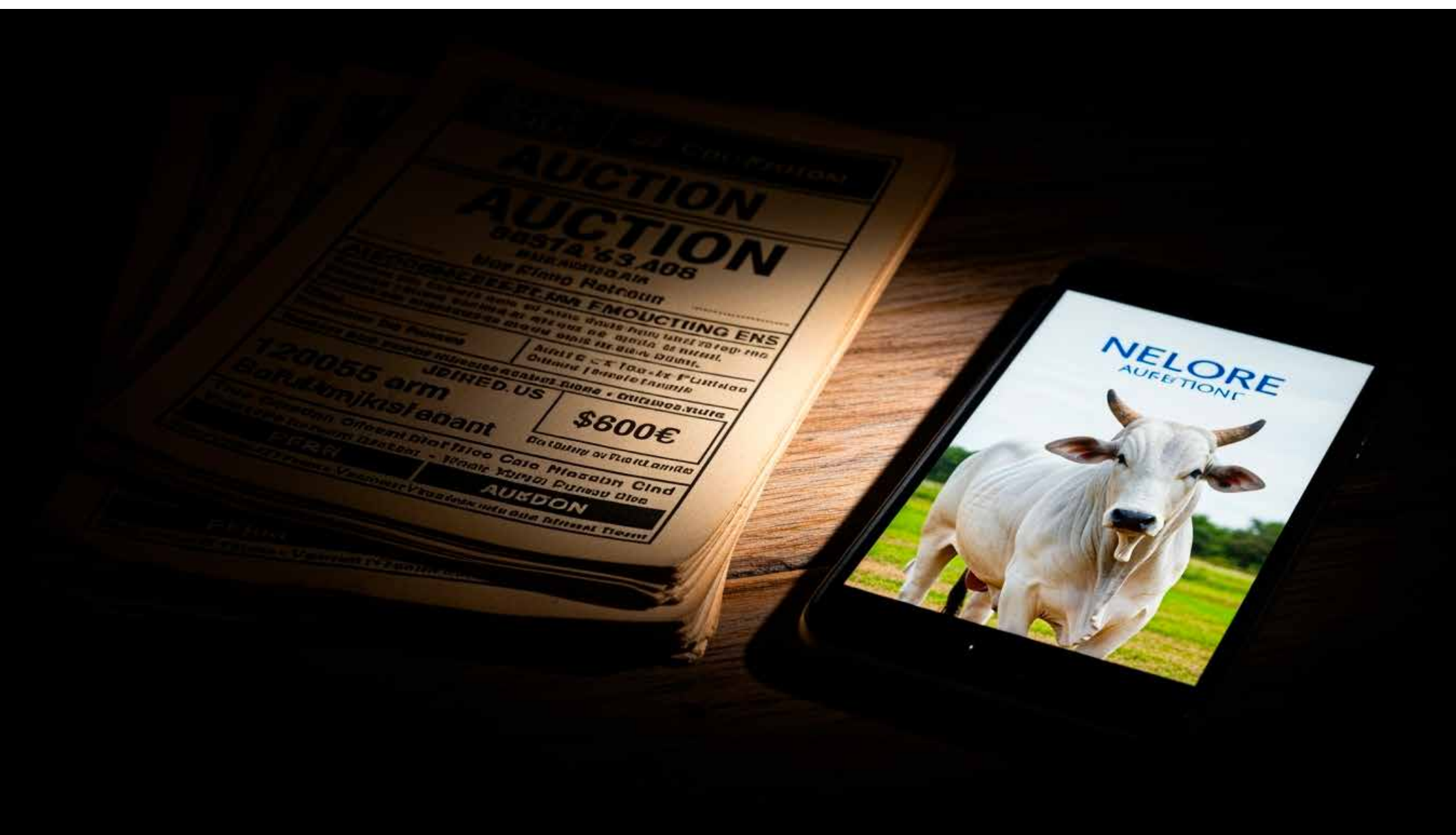
PRÓXIMO >>



Já um pouco irritado, ele decide esquecer isso e vai para o YouTube assistir a um vídeo sobre silagem. O anúncio antes do vídeo? Sim. Três dos seus lotes de destaque passando na tela.

No dia seguinte, ele abre a caixa de entrada para checar um email do banco. E lá está: ***“O Catálogo do Leilão Que Anda Te Seguindo”***.

PRÓXIMO >>



Nesse ponto, o seu Zé não está mais irritado. Ele está impressionado. Ele pensa: ***“Esse sujeito não está brincando em serviço. O leilão dele vai bombar!”***

A verdade é que um leilão é um jogo de atenção. Você pode espalhar uns panfletos na cidade e contar com a sorte.

Funciona. Às vezes.

Ou você pode se tornar uma obsessão.

PRÓXIMO >>



Isso não é feitiçaria. É a diferença entre esperar que as pessoas venham até você e levar o seu leilão até a porta da casa delas – e entrar sem pedir licença.

Isso é ***Gestão de Tráfego + Agroin Email Marketing***.

Enquanto seu concorrente conta com a sorte, o seu leilão se torna o assunto principal.

Chama no zap que eu te explico tudo!

[>> 67 99974-6911 <<](https://api.whatsapp.com/send?phone=67999746911)

PECUÁRIA INTELIGENTE: FAZENDA EM MS MIGRA PARA GESTÃO 100% DIGITAL

A Fazenda São Judas Tadeu, em Mato Grosso do Sul, alcançará a digitalização total de seus processos em 2026, após otimizar a gestão com apoio do Senar/MS.

Foto: Divulgação



Rafael e Cláudio Zottesso. Sai a prancheta de anotações, entra o tablet

Na Fazenda São Judas Tadeu, o melhoramento genético do rebanho Nelore é conduzido com foco em resultados consistentes nas etapas de cria, recria e engorda. Diante de uma produção cada vez mais intensa, o pecuarista Cláudio Zottesso identificou a necessidade de modernizar o gerenciamento da propriedade para garantir um ambiente seguro e organizado.

A principal dificuldade inicial residia no controle financeiro de receitas e despesas. Com a participação frequente em leilões, o monitoramento de pagamentos e fluxos

de caixa por meio de registros em papel tornou-se um gargalo operacional. A solução para o problema veio com a integração geracional e o suporte técnico especializado.

Rafael Zottesso, filho de Cláudio e formado em Sistemas de Informação, lidera há três anos a transição para a pecuária

inteligente. O processo, iniciado em 2022, substituiu as anotações manuais por softwares de gestão que integram desde o balanço produtivo até a automação de processos físicos na fazenda.

A propriedade recebe atualmente a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG)

do Senar/MS. O acompanhamento técnico permitiu a implementação de melhorias no sistema de dados, possibilitando o rastreamento de características individuais de cada animal e a análise de lucros e prejuízos em tempo real.

Além da gestão de dados, a tecnologia foi aplicada na infraestrutura da fazenda. Sistemas de irrigação para o pomar e a horta são controlados via smartphone, e o monitoramento por câmeras abrange toda a área produtiva. O objetivo da família é iniciar 2026 com uma operação totalmente digitalizada e acessível aos colaboradores.

As inovações tecnológicas também impactaram a qualidade de vida e a segurança no trabalho dentro da porteira. A automação de tarefas repetitivas e a precisão das informações gerenciais aumentaram a eficiência da equipe, composta por cinco colaboradores fixos.

A trajetória da família Zottesso demonstra como a união entre a experiência de campo e o conhecimento tecnológico pode transformar a pecuária tradicional. O suporte contínuo do Senar/MS, por meio de capacitações e orientações técnicas, foi o alicerce para que a propriedade se tornasse uma referência em inovação no estado.

FAZENDA COLORADO



MAIOR PRODUTORA DE LEITE DO BRASIL; 100.000 LITROS/DIA



VÍDEO YOUTUBE:

Confira como foi nossa visita a FAZENDA COLORADO e conheça seu sistema de produção em VÍDEO!!!

MANEJO SANITÁRIO NO PÓS-PARTO EVITA PREJUÍZOS ECONÔMICOS NA FAZENDA

O controle de nematoides e carrapatos em vacas no pós-parto é fundamental para evitar a contaminação ambiental e garantir o ganho de peso dos bezerros.

A produtividade de fazendas de cria enfrenta desafios constantes durante o período de pós-parto das matrizes. A ação de parasitas, como nematoides e carrapatos, pode comprometer o desempenho biológico dos animais e o retorno financeiro da propriedade.

De acordo com o médico-veterinário Felipe Pivoto, gerente de Serviços Técnicos da Vetoquinol Saúde Animal, matrizes infestadas por vermes intensificam a contaminação das pastagens. A eliminação de ovos no bolo fecal cria um ambiente favorável



Foto: Divulgação

para a eclosão de larvas, estabelecendo um ciclo de alta proliferação.

Os bezerros, por possuírem um sistema de defesa ainda em formação, tornam-se os alvos mais vulneráveis. Sem resistência natural, os animais jovens sofrem impactos severos no crescimento e no ganho de peso, o que reflete diretamente no índice de peso

ao desmame.

Entre os principais prejuízos causados por verminoses aos bezerros estão quadros de diarreia, anemia e uma redução na conversão alimentar. Além disso, o aumento na taxa de mortalidade e a perda de peso são consequências diretas da falta de controle sanitário adequado nas matrizes.

Os carrapatos representam uma ameaça igualmente grave. O período pós-parto exige que a vaca direcione grande parte de sua energia para a recuperação física e a produção de leite. Infestações por carrapatos causam espoliação sanguínea, inflamação cutânea e estresse, reduzindo a eficiência metabólica da matriz.

Essa queda na eficiência compromete a oferta de leite para o recém-nascido. Com menor acesso ao alimento, os bezerros apresentam atraso no desenvolvimento corporal. Bezerros oriundos de matrizes com infestação controlada apresentam desempenho superior quando comparados aos que mamam em vacas infestadas.

O mercado oferece ferramentas para o enfrentamento desses parasitas. Lucas Croffi, gerente de produto da Vetoquinol, indica o uso de soluções injetáveis que combinam princípios ativos como fluazuron e ivermectina. Essa associação atua na inibição do desenvolvimento de carrapatos e no combate efetivo às verminoses.

O uso de protocolos sanitários específicos protege as matrizes e assegura que o leite seja fornecido em quantidade e qualidade ideais. O manejo correto interrompe o ciclo de contaminação ambiental e preserva o potencial genético dos bezerros desde os primeiros dias de vida.

VÍDEO YOUTUBE:

Ela era gerente de pós venda em duas concessionárias, simultaneamente em Campo Grande no MS, e mudou radicalmente de profissão para reviver diariamente a infância dos finais de semana passados com a sua avó Zilda, na fabricação de queijos no sítio da família.

CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DO AGRONEGÓCIO DEBATE REFORMA TRIBUTÁRIA

Fotos: Wisley Torales / Agroin Comunicação

O 6º Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio acontecerá no dia 30 de março, em São Paulo, para debater crédito, reforma tributária e riscos climáticos.

O Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA) promove, no dia 30 de março de 2026, a sexta edição de seu congresso nacional no Hotel Renaissance, em São Paulo. O encontro técnico surge em um momento em que o setor produtivo busca respostas para a volatilidade climática e a transição para as novas normas fiscais. O evento reunirá juristas, economistas e lideranças do setor público e privado.

A pauta do congresso reflete as transformações estruturais pelas quais passa o agronegócio brasileiro. Entre os temas prioritários estão os novos instrumentos de crédito e as modalidades de seguro rural, desenhados para mitigar perdas em cenários de instabilidade. A governança no campo e os mecanismos para lidar com a insolvência da produção também ganham destaque na programação científica do instituto.

Para o presidente do IBDA, Renato Buranello, a complexidade do ambiente de ne-

gócios exige um aprimoramento constante da gestão de riscos. A integração das novas normas tributárias à realidade das propriedades é vista como um passo fundamental para manter a eficiência do setor. Segundo Buranello, a conformidade jurídica é o que garante a preservação da competitividade e o desenvolvimento sustentável.

“É imprescindível aprimorar a gestão de riscos, ajustando-a às novas normas fiscais e tributárias recentemente incorporadas à legislação, de modo a assegurar maior eficiência”, avalia Renato Buranello.

A programação terá início às 9h com uma palestra inaugural sobre a segurança jurídica nas cadeias agroindustriais. O cronograma seguirá uma sequência técnica dividida em quatro grandes momentos de debate. O primeiro deles focará na Reforma do Estatuto da Terra. Logo após, os especialistas tratarão do Novo Seguro Rural e da Insolvência da Produção. No período da tarde, as discussões serão retomadas com a Regulamentação e Transição da Reforma



Renato Buranello Presidente do Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA)

Tributária, encerrando o ciclo de debates com o painel sobre Financiamento de Projetos e Segurança Climática.

As inscrições para o evento presencial já estão disponíveis e incluem acesso a todos os painéis, material de apoio e certificação. O setor vive uma fase de reorganização geográfica e produtiva, o que torna o debate sobre o regime jurídico do setor fundamental para orientar investimentos. O IBDA atua como um observatório técnico voltado à formulação de políticas públicas

para os sistemas agroindustriais.

O encerramento do congresso está previsto para as 18h, após uma série de discussões que visam oferecer maior previsibilidade ao produtor e aos investidores. O evento ocorre em um ano marcado por grandes janelas de exportação e a necessidade de financiamentos robustos para a safra seguinte. Interessados podem realizar a adesão pelo site oficial do evento para garantir participação nos debates presenciais ou online.

VÍDEO YOUTUBE:

Você sabe como funciona uma Central de Inseminação? Então confira neste vídeo as 3 maiores centrais de coleta de sêmen do Brasil: ABS, Alta Genetics e Genex.

ACADEMIA DE TALENTOS: INSCRIÇÕES ABERTAS PARA ESTUDANTES DO AGRO

O Senar Mato Grosso do Sul está com inscrições abertas até 15 de fevereiro para a Academia de Talentos, programa voltado à formação de novos técnicos.

O Senar Mato Grosso do Sul lançou uma nova etapa da Academia de Talentos, iniciativa desenhada para qualificar estudantes universitários que estão na reta final da graduação. O objetivo central é preparar esses futuros profissionais para as carreiras de instrutor e técnico de campo, funções fundamentais para a difusão de conhecimento e tecnologia nas propriedades rurais do estado.

O programa oferece uma imersão em temas que dominam a pauta do agronegócio contemporâneo. Os participantes recebem treinamento em planejamento agrícola, análise de mercado de commodities e metodologias específicas de assistência técnica, como o ATeG Corte, ATeG Leite e o sistema Granja Plus. A formação busca preencher a lacuna entre o conhecimento teórico da universidade e as exigências práticas do dia a dia do produtor.

Com uma carga horária total de 162 horas, a Academia de Talentos estende-se por seis meses. As atividades são realizadas semanalmente aos sábados, permitindo que alunos do penúltimo e último semes-

tres conciliem a formação complementar com o cronograma acadêmico regular. A metodologia utiliza estudos de caso reais para simular os desafios encontrados no ambiente de produção.

Ao concluir o ciclo de treinamento, o estudante ganha uma vantagem competitiva relevante. Os formados pela Academia de Talentos passam a ter prioridade nos processos de seleção do Senar/MS para atuação direta na Assistência Técnica e Gerencial (ATeG). Após a conclusão, resta apenas o cumprimento das normas vigentes de credenciamento para que o profissional inicie sua trajetória no setor.

“A Academia de Talentos é importante porque atua diretamente na principal lacuna enfrentada pelos universitários: a transição entre a formação acadêmica e o mercado de trabalho”, afirma Tauana Infante, analista educacional do Senar/MS.

Para a instituição, o programa funciona como um viveiro de talentos que garante a renovação do quadro de especialistas. Ao aproximar o estudante da realidade profissional antes mesmo do diploma, o Senar reduz o tempo de adaptação e au-



menta a eficiência da assistência prestada ao homem do campo. O foco é direcionar a formação para áreas que apresentam maior demanda por mão de obra qualificada no Mato Grosso do Sul.

As vivências proporcionadas durante os seis meses de curso ajudam o jovem profissional a compreender as nuances da comunicação com o produtor rural. A capacidade de traduzir dados técnicos em resultados econômicos é uma das competências mais estimuladas. As inscrições seguem disponíveis até o dia 15 de fevereiro

de 2026 e podem ser realizadas diretamente nos canais digitais da instituição.

O mercado de trabalho rural em Mato Grosso do Sul continua aquecido e exigente por perfis que unam base técnica sólida e capacidade de gestão. Programas como este fortalecem a conexão entre a academia e a produção, assegurando que as inovações cheguem de forma estruturada às fazendas. O resultado esperado é uma assistência técnica cada vez mais robusta e conectada com as metas globais de produtividade do agronegócio brasileiro.

VIETNÃ HABILITA MAIS QUATRO FRIGORÍFICOS BRASILEIROS PARA EXPORTAR CARNE BOVINA

As autoridades sanitárias do Vietnã concluíram o processo de avaliação técnica e habilitaram mais quatro estabelecimentos brasileiros para a exportação de carne bovina com osso e desossada. Os novos estabelecimentos habilitados estão localizados em Rondônia (2), Mato Grosso do Sul (1) e Tocantins (1), somando-se a outros quatro já autorizados, situados em Goiás (3) e Mato Grosso (1).

Os dossiês técnicos apresentados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa)

foram avaliados e aprovados, comprovando o cumprimento dos requisitos sanitários e de inocuidade dos alimentos exigidos para a habilitação dos novos estabelecimentos.

O mercado vietnamita de carne bovina foi aberto em 2025, após décadas de negociação, no âmbito da missão oficial do Presidente da República a Hanói, que fortaleceu o diálogo bilateral e ampliou as oportunidades de inserção de novos produtos brasileiros naquele mercado. Com as novas autorizações, o Brasil passa a contar

com oito plantas habilitadas, dobrando a capacidade atual de oferta e fortalecendo a presença da carne bovina brasileira em um dos países que mais têm expandido o consumo de proteína animal nos últimos anos.

Cabe ressaltar que esse avanço é fruto de intenso diálogo técnico e comercial, consolidando a parceria entre os dois países. O Mapa seguirá atuando para ampliar o número de estabelecimentos habilitados e diversificar mercados, sempre com base na transparência, no robusto sistema oficial de



inspeção e controle sanitário e na qualidade dos produtos brasileiros.

USDA ELEVA SAFRA DE SOJA DO BRASIL PARA RECORDE DE 178 MILHÕES DE TON.

O relatório de janeiro do USDA elevou as estimativas de safra mundial para soja, milho e trigo, resultando em estoques mais folgados e pressão sobre as cotações.

O primeiro relatório de oferta e demanda mundial de 2026, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), trouxe um cenário de abundância para as principais commodities agrícolas. A produção mundial de soja no ciclo 2025/26 foi revisada para cima em 0,7%, atingindo 425,68 milhões de toneladas. O ajuste reflete uma oferta mais robusta tanto na América do Norte quanto na América do Sul, o que gerou reação imediata na Bolsa de Chicago, com queda nos contratos futuros.

No Brasil, o USDA elevou a projeção da safra de soja para 178 milhões de toneladas, um incremento de 1,7% em relação ao relatório anterior. As exportações brasileiras também devem acompanhar o ritmo de crescimento, com estimativa de 114

Foto: Divulgação



milhões de toneladas. Enquanto o maior exportador mundial amplia sua oferta, os Estados Unidos ajustaram sua produção para 115,99 milhões de toneladas, enfrentando, contudo, uma demanda chinesa abaixo do esperado.

A retração nas compras da China forçou o USDA a reduzir em 3,7% a previsão de exportações americanas de soja. Como consequência, os estoques finais dos EUA saltaram expressivamente para 9,52 milhões de toneladas, um aumento de 20,7% frente aos dados de dezembro. O cenário de estoques mundiais mais elevados, agora previstos em 124,41 milhões de toneladas, instituciona-

liza um ambiente de preços pressionados no curto prazo para a oleaginosa.

"A estimativa para os estoques finais dos EUA cresceu expressivamente em janeiro, 20,7%, com volume de 9,52 milhões de toneladas", aponta o relatório do USDA.

O mercado de trigo também apresentou revisões altistas, impulsionado por colheitas recordes no Hemisfério Sul. A Argentina deve colher 27,5 milhões de toneladas, um salto de quase 50% em relação ao ano anterior. Na Rússia, a produção foi elevada para 89,5 milhões de toneladas. No Brasil, o governo americano projeta uma safra de 8 milhões de toneladas de trigo, mantendo

a necessidade de importação estável em 7,3 milhões de toneladas para suprir o consumo interno.

No segmento do milho, a produção mundial deve alcançar 1,296 bilhão de toneladas, um incremento de 1,01% sobre a projeção de dezembro. O desempenho global é influenciado diretamente pela safra americana, reajustada para 432,34 milhões de toneladas. No Brasil, o USDA manteve a estimativa em 131 milhões de toneladas, volume que representa uma queda de 3,7% na comparação com o ciclo 2024/25, mantendo as exportações nacionais em 43 milhões de toneladas.

Os dados reforçam a tendência de recomposição dos estoques globais após ciclos de maior aperto. O aumento da oferta russa e argentina no trigo, somado à produtividade recorde da soja brasileira e do milho americano, garante um abastecimento tranquilo, mas desafia a rentabilidade do produtor. A queda no preço médio recebido pelos agricultores americanos, já sinalizada para o trigo, serve de alerta para as margens do agronegócio global em 2026.

A manutenção da demanda chinesa por soja em 112 milhões de toneladas indica que, apesar do balanço de oferta mais generoso, o mercado externo não deve apresentar surpresas altistas no consumo. O foco do setor agora se volta para o ritmo de escoamento nos portos e para as janelas de plantio da safrinha no Brasil, que deverão ocorrer sob um cenário de cotações internacionais mais moderadas em função do balanço folgado apresentado pelo governo americano.



SE INSCREVA
EM NOSSO
CANAL NO
YOUTUBE
CLIQUE AQUI!!!